

A FESTA E A GUERRA: O JORNALISMO ESPORTIVO E A FORMAÇÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL DO RIO DE JANEIRO

Bernardo Buarque de Hollanda¹

Resumo:

*A apresentação focaliza a relação histórica existente entre as torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro e os meios de comunicação de massa desde os anos de 1940, em particular o jornalismo esportivo comandado pelo periódico de Mário Filho, o *Jornal dos Sports*, tal como defendi em minha tese de doutorado. Sustenta-se a existência de tal relação na segunda metade do século XX, com especial atenção para o surgimento das Torcidas Jovens no cenário carioca do final da década de 1960, em meio à efervescência do contexto social e cultural da época. A reconstituição se estende até o início da década de 1980, no período de abertura política, quando as torcidas organizadas criam uma associação de torcedores, a ASTORJ, para lutar contra o aumento do preço dos ingressos.*

Para iniciar a apresentação deste trabalho, eu gostaria de começar chamando a atenção para dois aspectos que dizem respeito à imagem das torcidas organizadas na atualidade. Ambos estão relacionados à sua representação junto aos meios de comunicação e remetem, portanto, ao conjunto das questões levantadas na pesquisa que ora apresento.

O primeiro aspecto, situado em âmbito internacional, se refere às últimas reportagens feitas pela imprensa europeia acerca das torcidas de futebol daquele continente. Após os acontecimentos trágicos ocorridos na década de 1980, quando a televisão deu a conhecer ao mundo a imagem dos *hooligans* ingleses, *hooligans* estes que as autoridades se encarregariam de tentar expurgar nos decênios seguintes, mediante uma completa reformulação da estrutura arquitetônica dos estádios e mediante uma nova configuração do tipo sócio-econômico de espectador desejado para suas arenas, o noticiário esportivo atual tem dado destaque às manifestações racistas e xenófobas expressas por parcelas minoritárias de torcedores, como sucedeu entre setores da torcida do Paris Saint-Germain. Ligados aos grandes clubes e aos campeonatos europeus de maior visibilidade internacional, estes torcedores manifestam sua hostilidade tendo como alvo principal jogadores de origem negra, mestiça ou estrangeira, oriundos em sua grande maioria da América do Sul, da África e das regiões periféricas que historicamente constituíram as colônias fornecedoras de matéria-prima, mão-de-obra e mercadorias baratas para a Europa.

Se as tragédias ocorridas nos anos 80 corresponderam à imagem da decadência moral por que passou o futebol inglês naquele momento, o recente recrudescimento do racismo, agora disseminado em diversas partes daquele continente, parece corresponder a uma reação, consciente ou inconsciente, de parte desses torcedores considerados extremistas frente ao ciclo de fortalecimento das relações capitalistas no esporte. A dinâmica contemporânea do capitalismo e os meganegócios do futebol empresarial põem em questão os grandes temas das relações internacionais, que na atualidade ocupam a agenda política da Comunidade Européia, tais como a redefinição das suas

¹ Doutor em História, PUC – Rio FAPERJ

fronteiras internas, a corrente das migrações populacionais em seu interior e a integração dos grupos étnicos que a ela afluem de forma cada vez mais massiva. Vistos como entraves à plena realização desses ideais que buscam refletir um sistema econômico perfeito, regido por um fluxo de trocas que somente conheceria as supostas leis do mercado, esses torcedores simbolizariam o pólo provinciano de resistência às forças integradoras, modernizadoras e cosmopolitas do liberalismo.

Conforme explicita Hobsbawm em seu último livro, “Globalização, democracia e terrorismo”, que vai ao encontro das idéias de alguns estudiosos da “geopolítica do futebol”, este esporte vivenciaria uma espécie de esquizofrenia, uma vez que se encontra cindido entre o elemento nacional, derradeiro refúgio das paixões do mundo antigo, e o elemento transnacional, a mais nova face do capitalismo ultraliberal. À luz desse dilema, em que liberalismo e totalitarismo seriam dois lados de uma mesma moeda, os surtos racistas dos torcedores continuam sendo lidos pela imprensa na chave da anomia e da regressão atávica, agora simbolizadas no descompasso entre essas duas majoritárias linhas de força do futebol.

O segundo aspecto que gostaria de realçar se atém ao caso das torcidas brasileiras. Penso na perceptível mudança de posicionamento perante as mesmas por parte de alguns meios de comunicação contemporâneos, em especial a emissora de televisão que detém o monopólio das transmissões dos principais torneios nacionais e estaduais. Desde o Campeonato Brasileiro do ano passado, uma visível modificação no relacionamento da televisão com as torcidas tem sido operada, no sentido de uma progressiva incorporação desses grupos estigmatizados ao que se convencionou chamar *espetáculo esportivo*. A tentativa de incorporá-los ao discurso pedagógico e moralizante dos esportes, veiculado pela mídia televisiva, resulta em uma espécie de acordo tácito e de monitoramento que leva a TV ao incentivo e à sugestão de um novo repertório musical nos estádios – bastaria citar aqui a melodia da “Marcha da Vitória” que a torcida do Flamengo adaptou inspirada em um jingle da Fórmula 1, evento automobilístico internacional patrocinado pela mesma emissora de televisão. Em contrapartida, essas torcidas vêm recebendo um maior destaque imagético e sonoro durante tais transmissões, em uma aproximação que até então improvável.

É claro que a maior exposição e o maior espaço virtual dado a esses grupos não é apenas uma repentina concessão televisiva. Ela foi fruto também de uma mudança e de um rearranjo interno ocorrido no seio das torcidas. Por um lado, tal mudança decorre de um novo movimento de dissidências instaurado entre as torcidas de cada clube, onde, como estratégia de diferenciação, os dissidentes procuram reaver, reviver e reinventar o discurso das “tradições” esquecidas ou perdidas, acionando lemas, slogans e faixas de outrora. Volta-se então a falar de um ambiente festivo e familiar que torna a impregnar a paisagem polifônica e multicolorida das arquibancadas, através da recuperação dos cânticos, dos uniformes e das bandeiras modeladas à moda antiga, imitando tipos existentes quer nos anos 40 quer nos anos 70. Por outro lado, a mudança é decorrência também de um movimento de torcidas vindo de fora do Brasil, que se soma às transformações aqui ocorridas. Elas têm como fonte original o modo de torcer de algumas *hinchadas* argentinas, que inspiraram de início as torcidas situadas na fronteira, e que do Rio Grande do Sul logo se propagaram para boa parte do país. Tais torcidas têm como princípio básico o apoio incondicional ao time e o canto coletivo ininterrupto ao longo do jogo, independente do resultado adverso ou favorável.

A combinação desses dois fatores, um interno e outro externo, permitiu a certos meios de comunicação hegemônicos e a certos comentaristas esportivos da grande imprensa a brecha para sair da ‘camisa de força’ em que se encontravam desde os anos 80. O apoio dado a esses novos agrupamentos de torcedores constituiu uma saída

conveniente para tentar vencer essa “disputa simbólica pelo significado de torcer”, como se refere em artigo o antropólogo Luiz Henrique de Toledo, parafraseando Bourdieu. Embora seja fenômeno ainda muito recente, situado na superfície dos acontecimentos e ainda sem um aprofundamento necessário para que se tenha uma melhor dimensão, a guinada nos discursos chama a atenção na medida em que assinala uma distinta estratégia e uma nova postura por parte de setores da chamada opinião pública frente às torcidas organizadas nas décadas anteriores. Até então, o ramerrão que apregoava a volta das famílias aos estádios tornava as torcidas organizadas um obstáculo incontornável, algo que deveria ser a todo custo erradicado, como ocorria nas assépticas e higienizadas praças esportivas da Europa.

Àquela altura, quando tragédias fatais também sucediam no Brasil, defendia-se a idéia de que a exclusão e o banimento dessas torcidas seriam a única forma de redenção da crise em que se encharcava o futebol. Como demonstrou o sociólogo Carlos Alberto Pimenta, sabe-se no entanto que, para além da salvação moral, a salvação subreptícia mais importante a que se visava no futebol era a financeira. Passados alguns anos de tentativas malogradas de proibição e de criminalização desses agrupamentos, parece haver agora o entendimento de que a incapacidade de extingui-los ou de enfraquecê-los pelo isolamento deve ser, ao contrário, revertida e convertida em capacidade de incorporá-los e de enquadrá-los ao espetáculo esportivo, com base no pressuposto comunicativo da interatividade, como idealizara décadas atrás o jornalista Mário Filho.

Bem, ao iniciar esta apresentação conectando dois aspectos que me parecem na ordem do dia, eu gostaria de salientar o quanto as proposições levantadas de minha pesquisa de doutoramento dialogam com essas questões de fundo que vêm novamente à baila, ainda que estejamos sob o calor da conjuntura. Em linhas gerais, minha tese tentou dialogar com dois grandes eixos de análise que se comunicam com as principais grades explicativas referentes às torcidas organizadas: 1. A influência que teve no futebol o pensamento niilista da Escola de Frankfurt, em especial a preocupação desta corrente intelectual com a formação da consciência do homem na modernidade e com a reificação do espectador/consumidor na cultura de massas. 2. As idéias oitocentistas largamente difundidas no século XX acerca da *psicologia* das massas, originalmente propostas por Gustave Le Bon, em particular a pregnância de tal concepção entre os jornalistas, na formulação das suas explicações para o comportamento irracional do ser humano na multidão.

Procurei relacionar essas duas matrizes teóricas a uma experiência histórica pontual, centrada na cidade do Rio de Janeiro e relacionada ao projeto jornalístico-letrado de Mário Filho a partir dos anos 60, em seguida ao seu falecimento. Tal projeto, concebido na década de 30 no jornal *O Globo* e implementado no mesmo decênio no *Jornal dos Sports*, de propriedade de Mário Filho, consistia na criação daquilo que pode ser chamado uma “festa competitiva” entre as torcidas de futebol. Tratava-se de uma forma de estabelecer critérios de animação e de organização entre os torcedores nas arquibancadas, de modo a fazer do público não um mero espectador passivo, mas um corpo vivo e atuante na vivência das paixões proporcionadas pelo espetáculo esportivo moderno.

Seguindo o raciocínio de um conhecido sociólogo alemão, estava em jogo uma liberação controlada das emoções. Esta, por sua vez, dava origem a um equilíbrio sempre precário na tentativa de encontrar um limite entre a liberdade para o extravasamento das paixões e a necessidade de regulá-las a fim de que elas não descambassem em desordens e tumultos reavivadores do espectro da turba nos esportes. Ao farejar essa questão delicada, Mário Filho intui a necessidade de fixar as normas

dessa *festa competitiva* nos estádios, adaptando e transpondo para isto a lógica da competição entre as Escolas de Samba que o mesmo jornalista ajudara a criar nos idos de 1930. A música popular e o esporte profissional se interpenetravam assim em um mesmo projeto de educação das massas, com um sentido de entretenimento que, sub-repticiamente, contribuía para tal controle pedagógico. Um dos efeitos desse processo seria o reconhecimento de um personagem que viesse a ser uma figura carismática nas arquibancadas, alguém destinado a catalisar, organizar e a coordenar a emoção das massas, sendo conhecido ao longo do século XX sob diversas denominações: embaixador, chefe de torcida, torcedor-símbolo, líder, presidente.

Assim, no primeiro capítulo de meu trabalho, intitulado *O chefe de torcida: entre vícios e virtudes*, procurei mostrar como a imagem de uma *persona* pública que encarnava a fidelidade clubística nas arquibancadas foi criada pela imprensa em torno de dois estereótipos: de um lado, um homem simples e humilde, oriundo das classes subalternas e seguidor, na acepção mais lata do termo, de um ideal de humildade cristã, isto é, alguém cuja abnegação e doação se expressavam por seu *ethos* puramente amador; de outro, um homem excêntrico e pitoresco, que despertava a atenção do restante dos torcedores por sua extravagância na demonstração incontida da paixão por seu clube, através de fantasias, adereços ou instrumentos sonoros chamativos. Procurei mostrar ainda como essa figura era representada na imprensa como o antípoda do dirigente de clube, mais conhecido pela pecha de *cartola*, que ocupava nas caricaturas do imaginário futebolístico o lugar do político arrogante e ambicioso que se locupletava no poder. Se esse cenário é estabelecido no decorrer das décadas de 30, 40 e 50, desenvolvi a idéia de que a partir dos anos 60 começa a haver um declínio da aura de pureza, autoridade e autenticidade de tal chefe, sucedendo uma espécie de “corrosão do caráter” que se acentua nos anos 80, quando atinge níveis intoleráveis no julgamento dos jornalistas esportivos. Corrompido por um mundo de interesses e vícios, este tipo de torcedor tem seu sentido original invertido à medida que se deixar envolver com o poderoso dirigente, o mesmo indivíduo cujo espírito amadorístico e provinciano impede o desenvolvimento profissional do futebol.

Longe de ser uma mudança súbita, que teria variado em função de uma fraqueza de caráter, de uma tibieza de índole ou de qualquer natureza de fundo psicológico, procurei associar o diagnóstico da decadência dos costumes apontado pelos jornalistas nos anos 80 a uma linhagem intelectual e acadêmica de interpretação weberiana do Brasil. *Grosso modo*, essa linhagem via as dificuldades de formação de uma ética republicana e de um espírito capitalista no Brasil através de uma “ideologia do atraso nacional”, ou seja, através da incapacidade que o país teria de absorver os padrões isonômicos de conduta advindos dos valores do mundo anglo-saxão. Tento chamar a atenção para o fato de que, mesmo sem o saber, os especialistas do futebol, valendo-se do binômio amadorismo/profissionalismo, colocam em pauta este problema, sempre em um sentido moral e judicativo. A debilidade demonstrada na organização de um calendário racional à européia e de um modelo competitivo de campeonato que seguisse os padrões eficiência burocrático-gerencial seria uma evidência desse atraso, desse jogo especular com a Europa, dessa impossibilidade de, dito numa forma rasa, “ser como eles”. Nesse contexto, as relações tidas como perversas entre os dirigentes amadores de clube e os mafiosos chefes de torcida seriam uma dessas facetas ilustrativas de uma nação que não consegue romper suas amarras que o atam a um passado de mentalidade servil, coronelista e escravocrata.

Contudo, no segundo capítulo, chamado *Microfísica do Poder Jovem*, procurei mostrar como nem sempre dirigentes e torcedores se relacionaram de maneira amistosa e harmoniosa. Terreno crivado por conflitos e tensões, elegi como palco e cenário as

arquibancadas do Maracanã em dois momentos políticos epocais: o final da década de 60 e o início da década de 80. Procurei entender de que maneira se deu no interior das principais torcidas do Rio em fins dos anos 60 um movimento interno de dissidências que, além de pôr em xeque a unidade da torcida e a autoridade dos antigos chefes das Charangas, assumia uma postura crítica face aos dirigentes, com o questionamento à sua legitimidade de mando. Tentei demonstrar até que ponto, sob a capa explicativa dos discursos e das razões manifestas, havia uma oculta retórica da ruptura com questões de fundo a serem consideradas. Além do aspecto mais consensual entre os estudiosos, isto é, os efeitos do aumento das demandas do profissionalismo nos esportes, que levaram a um progressivo distanciamento entre o clube e a torcida e a uma busca por mais espaços de participação, explicito o quanto a idéia de juventude forjada no final dos anos 60, materializada no futebol carioca com o surgimento das Torcidas Jovens, era menos uma questão de idiosincrasia etária ou biológica e mais uma questão simbólica, com sentido político.

O exame das fontes jornalísticas consultadas no Arquivo Histórico do *Jornal dos Sports* permitiu constatar o quanto a nomenclatura juvenil e o bordão *Poder Jovem* foram impulsionados pelo periódico da família de Mário Filho, naquele final dos anos 60. Este detalhe, à primeira vista irrelevante, pareceu-me ao contrário decisivo, um poderoso sinal indiciário como propõe Ginzburg, a fim de elucidar uma relação mais direta entre as torcidas de futebol e as mensagens emitidas pelos meios de comunicação, tal como foi possível observar na descrição dos protestos e das passeatas das Torcidas Jovens. Tendo esta época como ponto de partida, estendi a narração pelo decorrer das décadas de 1970 e 1980, com o acompanhamento do drama familiar dos responsáveis pela condução do *Jornal dos Sports* e com o acompanhamento das mutações de sentido por que passou a representação da juventude ou de um hedonístico estilo de vida jovem entre as torcidas de futebol. O capítulo se encerra com a nova onda de conflitos entre dirigentes e torcedores no início dos anos 80, quando a polêmica em torno do aumento dos ingressos fez as torcidas criarem uma associação, a ASTORJ, que protagonizaria boicotes e greves em favor da redução do preço dos ingressos, em estreita consonância com o espírito associativista que marcou a sociedade naqueles tempos de abertura política.

Enquanto no segundo capítulo restringi-me a um relato diacrônico dos acontecimentos, no terceiro e último capítulo, *Genealogia da moral torcedora*, tentei analisar alguns valores estruturais que mais caracterizaram as torcidas de futebol no século XX. Desenvolvi uma análise de três fenômenos em específico: a violência, as caravanas de viagem e o repertório musical. Em relação ao primeiro fenômeno, em contraposição à teoria do “pânico moral”, segundo a qual o anonimato das massas leva o homem a agir segundo estados disruptivos e irracionais, camuflando-se na multidão e disseminando o medo, procurei adotar o método genealógico nietzscheano e foucaultiano para compreender aquilo que chamei de a “moral torcedora”. Para isto, acompanhei a seção de cartas dos leitores do *Jornal dos Sports*, a fim de captar a construção da idéia de violência como uma “prática discursiva” entre os torcedores, onde não apenas afloravam as paixões – inveja, ódio, superioridade, covardia – como elas eram racionalizadas e justificadas. Assim, longe de ser um surto espasmódico que ocorria de maneira inesperada, procurei mostrar a racionalidade, a premeditação e a coerência assumida pelas brigas entre os torcedores através da comunicação por escrito que travavam no periódico.

Ao lado da violência, os apontamentos filosóficos de George Simmel acerca da aventura foram o ponto de partida para a abordagem de uma segunda dimensão crucial na vida das torcidas organizadas: as caravanas de viagem. Esta última foi entendida

como uma missão torcedora, algo análogo à provação peregrina cristã, mas também como momento hedonístico de suspensão da rotina, uma aventura passível quer de risco e perigo, quer de uma licenciosa permissividade. Seguindo os relatos de viagem de torcedores e jornalistas, procurei mostrar como determinados códigos coletivos de desvio e determinadas práticas comuns de transgressão foram sendo elaborados. Os deslocamentos territoriais se tornaram uma realidade identitária para esses grupos, com a tessitura de cadeias recíprocas de amizade e de inimizade, de hostilidade e de hospitalidade com torcidas de clubes de outras capitais, que variam conforme a disposição dos líderes das respectivas associações e o grau de rivalidade em que se encontram as equipes.

Quanto ao terceiro fenômeno — o universo lingüístico e musical —, é possível dizer de maneira bem sucinta que a bricolagem e a técnica da paródia foram os recursos mais freqüentes na elaboração do repertório e do vocabulário das torcidas, dentro de uma estrutura comunicativa elementar de interpelação e resposta, criada no espaço público dos estádios. A seleção de uma série de cânticos e de palavras de ordem permitiu mostrar em que medida eles provêm de duas fontes primordiais: o *ethos* épico oriundo da tradição dos hinos marciais dos clubes, por um lado; e o *pathos* carnavalesco absorvido pela cultura de massas do século XX, por outro, que no Brasil consistiu basicamente nas marchinhas de carnaval nos sambas-enredos das escolas de samba.

Assim, minha tese de doutorado tentou acrescentar às pesquisas antropológicas e sociológicas existentes sobre torcidas organizadas uma dimensão histórica, a fim de captar, reconstituir e dar continuidade à compreensão desse fenômeno no Brasil, ampliando as interfaces entre História, Comunicação e Ciências Sociais no Brasil.

Fonte pesquisada:

ARQUIVO HISTÓRICO DO *JORNAL DOS SPORTS*.

Referências bibliográficas:

BONIFACE, Pascal. **Football & mondialisation**. Paris: s.e., 2006.

DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John. **Hooligans abroad: the behavior and control of English fans in continental Europe**. London; New York: Routledge, 1984.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, vol.1.

_____; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Apresentação de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREUD, Sigmund. **Psicología de las masas**. Madri: Alianza Editorial, 2005.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. “Os anos 60”. In: **Tempos interessantes: uma vida no século XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LERNER, Júlio (org.). **A violência no esporte.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996.

MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Simmel: sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. **A imprensa na história do Brasil: fotojornalismo no século XX.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Desiderata, 2005.

PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política.** São Paulo: Ática, 1993.

PIMENTA, Olímpio. “Lendo Nietzsche à luz do futebol”. In: **Mediação.** Belo Horizonte: Universidade FUMEC / FCH, 2004, n.º 4.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES, Marly. **A década de 80: Brasil, quando a multidão voltou às praças.** São Paulo: Ática, 1992.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas.** Prefácio de Dominique Reynié. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol.** São Paulo: ANPOCS / Autores Associados, 1996.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel.** São Paulo: Editora 34, 2000.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.